



## AO DOMINGO

## Considera o Orçamento um desafio justificável a Bruxelas?



**Clara Almeida Santos**  
Vice-reitora da Universidade de Coimbra

“Thin red line” é uma expressão que se tornou popular graças ao filme de 1998 que retrata um grupo de soldados durante a II Guerra. Mas esta ‘fina linha vermelha’ terá raízes num episódio da batalha de Balaclava, na Guerra da Crimeia, em que um regimento britânico, de vermelho, protagonizou uma linha defensiva com metade da espessura da que seria normal (por insuficiência de recursos). O expediente conseguiu deter o avanço das tropas russas, muito mais numerosas. A expressão ‘linha vermelha’ tomou um novo sentido, de delimitação de um espaço: aquém e além da linha vermelha, as coisas são diferentes. O Orçamento que vai a Bruxelas parece encontrar-se num destes espaços confinados, sofrendo pressões em várias frentes: atrasado e a mudar uma receita que estava a dar frutos. A batalha será travada de razões e argumentos, mas sabemos da história que nem sempre vence o mais forte. ●●



**Elisa Ferreira**  
Eurodeputada do PS

A apresentação do projeto de Orçamento a Bruxelas tem sido tratada em Portugal de uma forma bizarra, com uma permanente antecipação e uma interpretação inexplicável de um processo cujos trâmites são absolutamente normais. Ainda hoje [ontem], foi publicada uma notícia que dizia que Bruxelas tinha recusado o Orçamento e nos contactos que fiz não tive qualquer confirmação desse facto. Claramente, há uma agenda nacional cujos contornos deveríamos tentar perceber melhor. Aguardemos o que Bruxelas vai dizer e guardemos as nossas reações para esse momento, não esquecendo a necessidade de, ao respeitar as regras europeias, defendermos claramente os interesses nacionais. A Comissão e o Conselho, para garantirem a sua credibilidade, deverão a todo o custo evitar ser fortes com os mais fracos e fracos com os mais fortes. O que se tem passado no Congresso espanhol merece reflexão. ●●



**Sebastião Fayo de Azevedo**  
Reitor da Universidade do Porto

Estou certo de que em momento algum o objetivo do senhor primeiro-ministro ou do PS, ao submeter esta proposta de Orçamento, é o de desafiar Bruxelas, ou o de desafiar o essencial das conceções políticas da União Europeia que o PS tem defendido ao longo de mais de 40 anos. Certamente que esta convicção não se aplica a partidos que apoiam, neste momento, o PS, os quais têm de raiz, como é conhecido e com todo o direito que o nosso modelo democrático lhes confere, uma linha política que passa por desafiar os fundamentos da União Europeia. A questão que releva é a da viabilidade e credibilidade da proposta, que pretende ser um compromisso entre as promessas eleitorais e o necessário equilíbrio de despesas e receitas, de metas de défice e de crescimento. As notícias são preocupantes, mas são apenas notícias. Há demasiada especulação. O Governo tem o direito e a obrigação de ação. Esperemos para ver o resultado final das negociações. ●●